

Perceções de crianças de 4 e 5 anos sobre o facebook

Rita Brito¹

RESUMO

Pretende-se com este artigo analisar e descrever as representações de crianças com 4 e 5 anos no que concerne à utilização do Facebook, tendo sido entrevistadas 33 crianças para esse efeito. Através da análise dos dados verifica-se que a maioria das crianças conhece o Facebook, mencionando que é possível comunicar, jogar e ver fotografias na rede social. Para além destas representações, algumas referiram ainda que utilizam efetivamente o Facebook, principalmente para comunicar com familiares e para jogar. De referir que as representações mencionadas pelas crianças se baseiam essencialmente na observação dos pais ao utilizar o Facebook. Após estas constatações, a escola poderia equacionar, providenciar formação aos pais e crianças relacionada com as questões de segurança online, de modo a preparar ambos para uma utilização consciente da rede social.

Palavras-Chave: Crianças. Facebook. Redes sociais. Representações.

4 and 5 year old children's perceptions about facebook

ABSTRACT

The intention of this article is to analyze and describe the representations of children with 4 and 5 years old regarding the use of Facebook, having been interviewed 33 children for this purpose. Through data analysis it was found that most children know Facebook, mentioning that it is possible to communicate, play and view photos on the social network. In addition to these representations, some children also mentioned that uses Facebook to communicate with family or play. The representations mentioned by children are based primarily on the observation of parents using Facebook. Following these findings, school could provide training to parents and children about issues of online safety, in order to prepare both for conscious and social network use.

Keywords: Children. Facebook. Social network. Representations.

Percepciones de niños de 4 e 5 años sobre el facebook

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar y describir las representaciones de niños de 4 y 5 años en relación con el uso de Facebook, por lo tanto se entrevistaran 33 niños para este fin. Mediante el análisis de los datos se desprende que la mayoría de los niños conocen el Facebook, mencionando que se puede comunicar, jugar y ver las fotos en la red social. Además de estas representaciones, algunos incluso mencionaran que utilizan eficazmente el Facebook principalmente para comunicarse con la familia y jugar. Es necesario tener en cuenta que las representaciones mencionadas por los niños se basan principalmente en la observación de los padres a usar el Facebook. La escuela podría proporcionar formación a los padres y niños relacionada con las cuestiones de seguridad en línea, con el fin de los preparar para un uso consciente de las redes sociales.

Palabras claves: Niños. Facebook. Redes sociales. Representaciones.

¹ A autora é Educadora de Infância de formação inicial e doutorada em tecnologias educativas em Educação Pré-Escolar. É docente no ensino superior, no Mestrado em Educação Pré-Escolar, no Instituto Superior de Ciências Educativas. Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa britorita@campus.ul.pt

INTRODUÇÃO

As crianças pequenas nasceram na sociedade da informação e fazem parte desta, manuseando qualquer tipo de ferramenta eletrônica com melhor perícia do que os adultos. Elas sabem utilizar o computador (CRUZ & BRITO, 2012), os *tablets* ou *smartphones*. Se escutarmos com atenção os diálogos de crianças de 3, 4 e 5 anos de idade damos conta de palavras como *computador*, *internet*, *e-mail*, *iPad*, *rato*, *telemóvel*, *Facebook* ou *Youtube*, o que sugere que as crianças de hoje têm acesso a meios digitais e os utilizam. A rapidez com que têm acesso a estes dispositivos não tem precedentes na história da evolução tecnológica, o que provavelmente irá resultar num número crescente de crianças com acesso à *Internet*, aumentando a exposição e riscos associados a esta utilização (HOLLOWAY; GREEN & LIVINGSTONE, 2013).

Relacionado com a utilização da Internet focamo-nos na utilização das redes sociais que, de fácil utilização e partilha, e pelas suas características sociais, tornam-se muito atrativas para todas as idades, particularmente para os mais jovens. Em casa, os pais, irmãos e familiares utilizam a rede social, e as crianças também querem fazer parte desse mundo, por isso, não é de todo estranho que as redes sociais as cativem e que estas as queiram utilizar. No entanto este novo mundo coloca uma série de dúvidas, ansiedade e decisões aos pais. Que perigos as crianças podem encontrar nas redes sociais? O que podem os pais fazer para proteger os seus filhos, quando estes têm uma menor compreensão dos riscos de estar online?

Embora a investigação relativa à temática das tecnologias tenha vindo a crescer nas últimas décadas, nomeadamente com crianças a partir dos 9 anos de idade, estudos com crianças pequenas, dos 3 aos 5 anos, são ainda reduzidos (ARROZ; FIGUEIREDO & SOUSA, 2009; GIVENETAL, 2014; MAWSON, 2013) e por isso a pertinência desta investigação.

Numa perspetiva de continuidade e aprofundamento do trabalho que temos vindo a desenvolver nesta área de estudo e com esta faixa etária, este trabalho pretende analisar e descrever as perceções de crianças com 4 e 5 anos sobre a rede social Facebook, nomeadamente perceber quais as suas perceções sobre o que se pode fazer no Facebook e se as crianças utilizam esta rede social. Para atingir estes objetivos, foram feitas entrevistas a 33 crianças de 4 e 5 anos, de 2 jardins de infância.

Além desta componente introdutória que permitirá fundamentar conceptual e metodologicamente este trabalho, apresenta-se de seguida um embasamento teórico, a metodologia utilizada, os participantes do estudo e os procedimentos de recolha de dados, bem como a apresentação e interpretação dos dados e por fim as reflexões finais.

1. MARCO TEÓRICO

O discurso sobre a utilização das tecnologias por crianças pequenas mudou drasticamente nos últimos 10 anos, tanto na comunidade educativa como no público em geral.

É um facto já confirmado por inúmeras investigações científicas que a utilização do computador é uma ferramenta eficaz, no que concerne a várias áreas da aprendizagem das crianças, como no desenvolvimento conceptual e cognitivo, nas competências de literacia ou nos conhecimentos e competências matemáticas, linguísticas e outros (CLEMENTS & SARAMA, 2007; ELLIOTT & HALL, 1997; HOWARD; WATSON; BRINKLEY & INGELS-YOUNG, 1994; LI & ATKINS, 2004; PANGE, 2003; PARETTE; HOURCADE; DINELLI & BOECKMANN, 2009). Para além de ser uma mais valia nas áreas apresentadas, o computador e outros meios digitais proporcionam igualmente o desenvolvimento da comunicação, criatividade, expressão e entretenimento (JACKSON et al., 2007; LIVINGSTONE, 2004; NORRIS, 2001).

Este uso de meios digitais por crianças tem sofrido alterações, verificando-se a sua utilização cada vez mais cedo e por crianças cada vez mais jovens.

Nos anos mais recentes, encontramos já estudos que corroboram precisamente a ideia de que as crianças, cada vez mais novas, têm acesso a tecnologias. Na Suécia, e muito provavelmente noutros países europeus, os pais mais jovens, com idades compreendidas entre os 25 e os 45 anos de idade, que são utilizadores experientes de tecnologias, estão a conceder aos seus filhos acesso a uma grande variedade de meios digitais com ligação à web, sendo que os pais com um nível educativo e nível de vida mais elevado têm mais probabilidade em proporcionar dispositivos mais recentes e com ligação à web às crianças, do que os pais com um nível de vida e um nível educativo mais baixo, como por exemplo os *tablets* (FINDAHL, 2013; ATKINS & XIAOMING, 2004; BARRETAL, 2005; HAMEL & RIDEOUT, 2006; AIDMAN; HEINT; MAZZARELLA & WARTELLA, 1990).

Nos últimos anos tem havido um aumento significativo na utilização da Internet por crianças pequenas (3-5 anos de idade). Segundo o estudo europeu EU Kids Online (HOLLOWAY, GREEN & LIVINGSTONE, 2013), no geral, as crianças em idade pré-escolar (dos 3 aos 5 anos de idade) acedem de facto à web, e inclusivamente a maioria dos bebés com menos de 2 anos, nos países desenvolvidos, tem já presença online, ou seja, uma pegada digital. Na Coreia do Sul 93% das crianças com 3 a 9 anos de idade utilizam a Internet numa média de 8-9 horas semanais (JIE, 2012). Também nos Estados Unidos 25% das crianças com 3 anos estão online diariamente, subindo a percentagem para 50% aos 5 anos (GUTNICKETAL, 2011).

Uma das justificações deste aumento de utilização das tecnologias, conforme referido, poderá ser explicado devido aos pais mais jovens (entre 25 e 45 anos de idade) serem eles próprios utilizadores experientes de tecnologias, proporcionando aos seus filhos uma cada vez maior variedade de dispositivos com ligação à *Internet*. Para além disso, o facto das crianças terem um irmão mais velho influencia e proporciona que estas acedam à *Internet* numa idade mais precoce, nomeadamente a mundos virtuais e a redes sociais, como o *Facebook*, encorajando a sua exploração (HOLLOWAY; GREEN & LIVINGSTONE, 2013).

Presentemente, esta rede social é a mais popular com mais de 1,35 mil milhões de utilizadores ativos mensalmente (STATISTA, 2014). De facto, a sociedade “fala” do Facebook e as crianças não são exceção, sendo curiosas e mostrando atração por este tipo de aplicações, embora esta rede social só deva ser utilizada por pessoas com 13 anos de idade ou mais. Apesar disso, as crianças pequenas acedem ao Facebook, pois basta estarmos atentos às conversas e comentários entre elas para percebermos que o Facebook domina uma parte das mesmas, inclusivamente crianças com 4 e 5 anos já mencionam o Facebook nos seus diálogos com amigos. Embora não tenham sido encontrados

estudos relativamente à utilização de redes sociais por crianças até de 3 a 5 anos de idade, existem já alguns dados que compreendem crianças de idades aproximadas, nomeadamente a partir dos 6 anos.

Segundo o estudo “Stateofthe Net” Emarketer (2011), 7,5 milhões de crianças com menos de 13 anos acedem ao Facebook, apesar de não terem a idade mínima requerida para a utilização da rede social.

Num estudo realizado por Brito (2013), onde foram entrevistadas 50 crianças com 5 anos, verificou-se que 66% conhecia o Facebook, referindo que através deste é possível comunicar ou jogar jogos, revelando assim um padrão de elevada consistência no que se refere às representações da rede social por crianças desta idade. A AVG no seu estudo Digital Diaries indicou que 16% de crianças de países como o Reino Unido, Espanha, Alemanha, Itália e França, com idades entre os 6 e os 9 anos, têm perfil no Facebook (2014). Um outro estudo realizado na Alemanha concluiu que 44% de crianças com menos de 13 anos utilizam redes sociais, sendo que a mais visitada era o Facebook, mais especificamente, 5% de crianças com 6 a 7 anos de idade utilizavam esta rede social em 2012.

Para além da questão da utilização da rede social pelas crianças, existe outra questão a ter em conta, nomeadamente no que concerne aos pais. Os pais publicam fotografias dos seus filhos cada vez mais cedo, sendo este fenómeno apelidado de *sharenting* pela AVG (2014). O *Sharenting* refere-se à excessiva partilha da vida de um filho pelos pais, por exemplo, através de imagens das ecografias da gravidez, os primeiros passos, ou o primeiro dia na escola. O estudo Digital Diaries (AVG, 2014) questionou pais de 10 países e 80% referiu ter feito upload de imagens e informação sobre o seu filho (dos 0 aos 2 anos de idade) de modo a partilhar com avós e amigos online; 30% dos pais mencionaram que tinham partilhado imagens da ecografia do seu bebé (mais 23% do que em 2010, num estudo semelhante feito igualmente pela AVG); 62% dos pais disseram que colocaram fotos dos seus filhos online, até 2 anos de idade; 50% disseram que tinham publicado online fotografias dos seus filhos recém-nascidos.

O mesmo estudo revelou ainda que 80% dos pais só publicavam fotografias de seus filhos nos perfis de familiares e amigos; 25% dos pais mencionaram que gostam de “exibir” os seus filhos online; 8% criaram um endereço de correio eletrónico para o seu filho; e 6% criaram um perfil de rede social para os seus filhos com menos de 2 anos de idade. É esperado que estas percentagens cresçam nos próximos anos (Medienpädagogischer Forschungsverbund Südwest 2012, retirado de Holloway, Green & Livingstone, 2013), sinalizando a necessidade de investigar a capacidade das crianças em utilizar a *Internet* de forma segura e benéfica, bem como a necessidade de providenciar formação aos pais e familiares sobre questões de segurança *online*. De facto, devido ao aumento da utilização da Internet e das redes sociais pelas crianças pequenas, dúvidas surgem por parte dos pais sobre os benefícios e riscos envolvidos da utilização destas e qual a melhor forma de apoiar esta utilização pelas crianças de forma segura e benéfica.

2. METODOLOGIA

2.1. Abordagem da investigação

Para este estudo optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, do tipo exploratório, centrando-nos nas perceções das crianças relativamente à rede social Facebook. Conforme referem Bogdan e Biklen (1994, p. 49), este tipo de abordagem é descritiva, pois os dados recolhidos apoiam-se em *palavras*, que assumem particular importância nesta abordagem metodológica, “abordando o mundo de forma minuciosa”

2.2. Contexto e participantes

Este estudo foi realizado no ano letivo de 2013/2014, tendo sido escolhidas duas instituições da rede de ensino portuguesa, no âmbito da Educação Pré-Escolar: uma de cariz particular, localizada no concelho de Oeiras, e outra de cariz público, localizada no concelho de Sintra. A escolha dessas instituições (jardins de infância) deveu-se ao fácil acesso da investigadora a ambas e ao interesse manifestado pelas Educadoras de Infância responsáveis pelas salas que as crianças se encontravam a frequentar, no que concerne ao tema do trabalho. O estudo envolveu a participação de 33 crianças, sendo que 19 pertenciam ao jardim de infância particular e 14 pertenciam ao jardim de infância público. As crianças tinham idades compreendidas entre os 4 (27%) e os 5 anos (73%), sendo 41% do sexo masculino e 59% do sexo feminino.

2.3. Procedimentos prévios à recolha de dados

Inicialmente foi pedida a autorização à direção de ambas as instituições para a permanência da investigadora nas salas escolhidas e para entrevistar as crianças, explicitando o objetivo das mesmas, tendo ambas acedido ao pedido.

Seguidamente foi elaborada uma carta para os encarregados de educação/pais das crianças de ambas as salas, informando do intuito da investigação e pedindo autorização para entrevistar os seus educandos, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos, nomeadamente a gravação sonora das entrevistas.

2.4. Procedimentos de recolha de dados

Os procedimentos de recolha de dados obedeceram aos princípios enumerados por Bogdan e Biklen (1994). Os autores referem que, no caso de não conhecermos os sujeitos que iremos entrevistar devemos “quebrar o gelo inicial” (1994, p. 135). Para tal, antes de iniciar as entrevistas em ambas as instituições, no dia anterior a investigadora dirigiu-se a estas com o intuito de passar um dia na companhia das crianças, de modo a conhecê-las e a que elas a conhecessem. De referir que ambas as Educadoras de Infância mencionaram que foi uma excelente estratégia, pois no dia das entrevistas todos se lembravam do nome da investigadora e nunca se mostraram tímidos ou pouco à vontade.

Apesar de existir um guião de entrevista como ponto de partida para a recolha de dados, partindo de questões genéricas como (1) conheces o Facebook?, (2) os pais usam o Facebook? e (3) o que se pode fazer no Facebook?, o tipo de entrevista utilizado caracterizou-se mais por ser uma entrevista do tipo não estruturado, de natureza mais exploratória, pois o objetivo do estudo centra-se em apresentar uma visão geral das opiniões das crianças relativamente à rede social Facebook. As questões colocadas não seguiram uma ordem rígida, basearam-se numa conversa sobre um tema, onde se pretendeu deixar as crianças à vontade para partilhar e trocar ideias com a investigadora. Segundo Mukherji e Albon (2010) neste tipo de entrevista há uma maior flexibilidade para buscar detalhe na resposta dada. Além disso, permite que o investigador adapte as perguntas às crianças, tendo em conta a sua idade, o seu nível de desenvolvimento e os seus conhecimentos.

No início das entrevistas as crianças foram também informadas do objetivo da mesma e que pretendia-se apenas saber a sua opinião, não existindo resposta certa ou errada. Mukherji e Albon (2010) sugerem que ao entrevistarmos crianças em idade pré-escolar temos de ter em atenção ao tema a explorar, de modo a que estas não se enfadem. Ao mesmo tempo, não devemos estender demasiado o tempo da entrevista e esta deve ser feita num local que lhes seja familiar. Durante o processo da entrevista as crianças conversaram com a investigadora com agrado, nunca apresentando agastamento, o que revelou que este era um tema do seu interesse. As crianças foram entrevistadas nas suas instituições, durante o período da manhã, tendo a investigadora procurado sempre que as entrevistas não ultrapassassem os 15 minutos.

Em todas as entrevistas foram feitas gravações áudio e posteriormente transcritas.

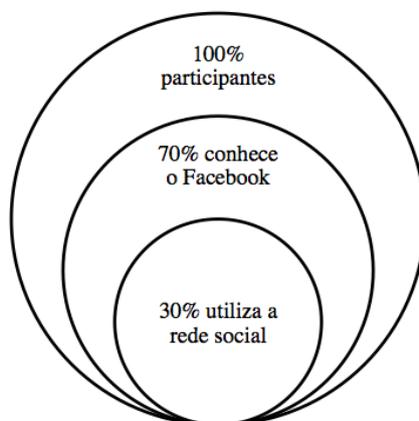
Devido a questões éticas, foi atribuído um código numérico a todas as crianças, tendo-se utilizado a ordem alfabética dos seus nomes. Neste artigo o objetivo não foi o de analisar as respostas das crianças, tendo em conta a sua instituição, mas sim fazer uma análise global das respostas.

2.5. Procedimentos de análise e sistematização dos dados

De modo a analisar os dados obtidos optou-se por utilizar um sistema por categorização, pois pretendia-se classificar os elementos pertencentes a um conjunto e reagrupá-los segundo categorias, que reunissem um grupo de elementos sob um título, sendo esse agrupamento realizado com base nas características comuns a esses elementos (BARDIN, 2011). Foram seguidas as indicações da autora para a categorização dos dados, iniciando-se pelo “inventário”, ou seja, isolamento de “unidades de significação”; posteriormente realizou-se a “classificação”, consistindo no reagrupamento das unidades anteriormente isoladas em categorias. No final deste processo foi possível obter as categorias, às quais daremos mais atenção no ponto seguinte.

3. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Figura 1: percentagens de crianças participantes no estudo que conhecem e utilizam o Facebook.



A Figura 1 mostra que a maioria dos participantes deste estudo já conhece o Facebook, no entanto ainda só uma fração é utilizadora da rede social. Recorrendo a dados históricos de outros países (mencionados anteriormente) que já passaram pelo processo de adoção do Facebook nestas idades, é possível prever que nos próximos anos iremos ver um salto considerável de utilizadores, o que mapeia o comportamento típico de uma rede social, pois esta contagia novos utilizadores para a sua adoção.

O facto de ainda não termos atingido uma adoção generalizada do uso da rede social transmite uma maior relevância à tarefa de documentar e fomentar a discussão e divulgação da informação acerca dos riscos acriar um rasto digital de uma criança. Ou seja, quanto mais cedo este tema for abordado, melhor, pois ainda nem todos aderiram à rede social e assim é ainda possível evitar alguns “acidentes” desnecessários de excesso de partilha de informação da criança. Há que recordar que é fácil partilhar informação e fotos na Internet, mas apagar já é uma tarefa muito mais difícil. Ou seja, uma vez colocado na Internet, pode residir lá para sempre, o que nos pode causar desconforto no futuro.

3.1. Conheces o Facebook?

Da análise das respostas das crianças a esta verificou-se que 70% afirmou conhecer a rede social e 30% referiu não conhecer, aferindo-se que a maioria dos participantes tem conhecimento da existência do Facebook. Uma das crianças afirmou ter perfil pessoal no Facebook, no entanto não foi possível confirmar a informação.

Nas questões seguintes serão analisadas as respostas de 70% das crianças (n=24) que afirmaram conhecer o Facebook, pois as restantes 30% não providenciaram dados para as questões que se seguem.

3.2. O que se pode fazer no Facebook?

Com esta questão pretendeu-se analisar e descrever quais as perceções das crianças relativamente ao que se podia fazer no Facebook. Foi possível agrupar as suas respostas em oito categorias, apresentadas no Quadro 1 com as respetivas percentagens.

Num total de 24 crianças, verifica-se que 50% é da opinião que através do Facebook é possível *comunicar*. Dando voz às crianças, estas referem que através da rede social “dá para falar com as pessoas”, pois “a minha mãe fala com as amigas dela e o meu pai fala com os amigos dele”, sendo que estes comunicam principalmente com familiares, nomeadamente “com o meu pai e com a minha tia” ou “com os meus avós, ou com os primos ou com os padrinhos.” Reconhecem também a possibilidade de falar com “as pessoas que estão longe” através de videochamada, pois falam “com os avós e com os padrinhos a ver.”

Uma outra opinião muito mencionada refere-se à utilização do Facebook para *jogar*, tendo sido referida por 42% dos participantes. Algumas crianças utilizam o Facebook para jogar, pois “[a mãe] põe jogos para eu jogar”, ou “(...) eu vou tentar jogar o meu jogo novo (...), está no iPad, mas só que é para jogar no Facebook”, enquanto outras mencionam apenas que “o Facebook dá para ver jogos”. No ponto 4.3 será explorado mais em pormenor que tipo de atividades as crianças fazem no Facebook.

Para 38% das crianças, no Facebook é possível *visualizar fotografias/imagens*, pois existe a possibilidade de “pôr lá fotos”, ou “ver fotografias”, sendo que “põem-se fotografias e depois carrega-se e vê-se, e quando tem mais algumas vemos assim para o lado”[arrastando o dedo indicador em cima da mesa, da direita para esquerda].

Além destas representações verifica-se que para 13% das crianças é possível *ouvir música* no Facebook, igualmente para 13% é possível *ver filmes ou vídeos*, e também 13% afirmaram que no Facebook pode-se *escrever*, nomeadamente “para os colegas. O meu mano só escreve para os amigos”.

Outra das funções do Facebook para as crianças, com 8% de respostas, é a *impressão*, mencionando que é possível “imprimir coisas no Facebook”, como “desenhos e fotografias.”

Por fim, 4% das crianças mencionam que é possível *fazer compras* na rede social, tendo apresentado o método de aquisição: “Primeiro [a mãe] escreve num papel e depois no Facebook e depois a comida chega!”.

Quadro 1: representações das crianças relativas às funcionalidades do Facebook (n=24)

| Categorias | (%) |
|-------------------------|-----|
| Comunicar | 50% |
| Jogar | 42% |
| Ver fotografias/imagens | 38% |
| Ouvir música | 13% |
| Ver filmes | 13% |
| Escrever | 13% |
| Imprimir | 8% |
| Fazer compras | 4% |

Analisando o **Quadro 1** e refletindo nas categorias apresentadas, verifica-se que as crianças têm a percepção de que as principais utilidades do Facebook são a comunicação, realizar jogos e ver fotografias ou imagens. As mesmas constatações foram evidenciadas num outro estudo semelhante (BRITO, 2013), onde foi também questionado a crianças de 5 anos o que, na sua opinião, se poderia fazer no Facebook, tendo estas igualmente mencionado que se podia comunicar, jogar jogos ou ver vídeos, como categorias mais evidentes.

Outra constatação centra-se no facto da maioria das crianças mencionarem que, embora não utilizem diretamente a rede social, ou seja, não tenham perfil pessoal, observam os pais ou familiares a utilizar o Facebook e apercebem-se facilmente das suas características e potencialidades, conforme se pode constatar pelas categorias encontradas e por alguns testemunhos apresentados. Esta mesma constatação tinha já sido evidenciada num outro estudo (CRUZ & BRITO, 2012), onde se questionaram crianças de cinco anos sobre o que era para elas o computador, constatando-se que as suas representações baseavam-se nas experiências que tinham em casa ou com familiares, não obstante de utilizarem o computador no jardim de infância.

3.3. Os pais usam o Facebook? O que fazem?

Aprofundando um pouco mais a ligação entre a percepção das crianças da utilização do Facebook com a utilização dos pais, foi-lhes questionado se os seus pais utilizavam o Facebook e o que faziam nessa utilização. Através da categorização das respostas fornecidas por 15 crianças, foram elaboradas oito categorias (**Quadro 2**).

Quadro 2: representações das crianças relativas às atividades que os pais realizam no Facebook (n=15)

| Categorias | (%) |
|-----------------|-----|
| Comunicar | 73% |
| Ver fotografias | 20% |
| Jogar | 20% |
| Escrever | 13% |
| Ouvir música | 7% |
| Apenas ver | 7% |
| Compras | 7% |

Em consonância com a questão anterior, 73% das crianças mencionaram que os pais utilizam o Facebook para *comunicar*, novamente identificando o Facebook como uma ferramenta para comunicar com quem está longe.

Para além de comunicar, 20% referem que os pais utilizam esta rede social para *ver fotografias* e igualmente 20% mencionam que os pais ou familiares *jogam* no Facebook, nomeadamente “*o meu mano, a minha mãe e o meu pai jogam. A mãe joga o jogo dos cães.*”

Outra atividade realizada pelos pais no Facebook e vivenciada pelas crianças é a *escrita*, mencionada por 13%, onde estes “*escrevem algumas coisas.*”

Por fim, 7% das crianças mencionam ver os pais a *ouvir música* no Facebook, igualmente 7% refere que os pais fazem compras na rede social e outros 7% dizem que os pais *apenas veem* o Facebook, mais especificamente “*o meu pai e a minha mãe veem o Facebook ao jantar*”.

Constata-se que as percepções das crianças sobre o que pode fazer no Facebook, descritas no ponto anterior, são semelhantes às atividades que os pais realizam no Facebook, ou seja, o ambiente familiar é primordial no que diz respeito a experiências tecnológicas, tendo este mais influência nas percepções das crianças. A mesma constatação verificou-se igualmente no estudo já referido (BRITO, 2013), em que algumas crianças mencionaram que não utilizavam a rede social, no entanto viam os pais a utilizar.

3.4. Usas o Facebook? O que fazes no Facebook?

Foi também intuito do estudo averiguar se algumas das crianças utilizavam efetivamente o Facebook e que tipo de atividades realizavam, sendo que da totalidade dos participantes do estudo que disseram conhecer o Facebook, 30% mencionaram utilizar a rede social para várias atividades, conforme se pode verificar no **Quadro 3**. Iremos apresentar de seguida os dados analisados referentes apenas às crianças que mencionaram utilizar o Facebook (n=10).

Quadro 3: Atividades realizadas pelas crianças no Facebook (n=10)

| Categorias | (%) |
|-------------------------|-----|
| Jogar | 70% |
| Comunicar | 30% |
| Ver fotografias/imagens | 10% |
| Ver vídeos | 10% |

Questionámos então essas crianças sobre o que faziam na rede social e verificou-se que 70% realizam *jogos*, nomeadamente relacionados com personagens de banda desenhada, como o “*jogo da Mia e o da Barbie*”, ou o “*jogo da Bela e do monstro e da Ariel*”, jogos de peças como o “*dominó*” e o jogo tipo puzzle “*Angrybirds*”.

Para além dos jogos, 30% utiliza o Facebook para *comunicar* com familiares, inclusivamente os que estão longe.

Por fim, 10% vê *fotografias/imagens* e outros 10% vê *vídeos*, como o “*Ruca, o Pocoyo ou os contos de Mia*”.

Apesar do Facebook recomendar que apenas crianças com mais de 13 anos o utilizem, as crianças participantes do estudo, com idades entre os 4 e os 5 anos, também têm acesso à rede social através dos perfis dos pais ou familiares.

CONCLUSÕES

Esta conclusão irá referir-se a vários pontos que considero pertinentes, nomeadamente aos dados obtidos no estudo e posteriores reflexões sobre os mesmos.

O objetivo deste estudo foi analisar e descrever as perceções das crianças relativamente ao Facebook. Para tal realizaram-se entrevistas a 33 crianças, sendo que 27% das crianças tinham 4 anos e 73% tinham 5 anos de idade.

Referindo-nos ao estudo em si, foi curioso o facto de alguns pais terem mencionado que as crianças não iriam saber responder a questões relacionadas com o Facebook, no entanto tal não se verificou, tendo as crianças revelado perceções corretas relativamente à rede social. Através da análise das suas respostas verificou-se que as crianças conhecem o Facebook e têm algumas ideias sobre as suas potencialidades, referindo que esta rede social pode ser utilizada para comunicar, jogar ou ver fotografias/imagens. Estas conceções parecem poder associar-se à observação que fazem da utilização desta rede social por parte dos pais e outros familiares.

Ficou claro que as crianças percecionam o Facebook como uma forma de comunicar com familiares e principalmente manter contacto com familiares que estão longe, tendo inclusivamente algumas crianças indicado que costumam comunicar com o Pai através do Facebook, estando este noutra país a trabalhar. Ou seja, a rede social torna-se uma ferramenta importante para as famílias no que diz respeito ao contacto entre estes.

No que concerne a esta utilização do Facebook pelas crianças, o jogo AngryBirds foi mencionado por algumas das crianças. Após uma rápida pesquisa verificou-se que várias páginas na Internet caracterizavam este jogo como “jogo de destruição”, em que as indicações para jogar são “destrua os malvados porcos com o menor número de tiros”.

Consultando a política de privacidade da empresa Rovio, criadora deste jogo, e embora não seja evidente uma idade mínima para o jogar, a empresa menciona recolher informação de todos os utilizadores, assumindo que o pode fazer inadvertidamente a crianças de 13 anos ou mais novas, e caso a empresa seja alertada para esta situação, eliminará das bases de dados o perfil do utilizador. Não obstante, estas crianças realizam este jogo, supostamente através dos perfis de pais ou familiares, e enquanto o fazem, informação está a ser recolhida, como o local e a hora de acesso, de modo a criar um perfil do utilizador e poder apresentar publicidade direcionada ao usuário, enquanto o jogo está a ser realizado. Ou seja, a rede social apercebe-se do comportamento do utilizador com o intuito de conseguir construir um perfil o mais detalhado possível, de modo a poder ser mais valioso do ponto de vista de vendas a campanhas de marketing e publicidade.

A questão centra-se no tipo de publicidade que será apresentada, se não será excessiva e desadequada para as crianças, tendo em conta a sua idade. Convém salientar que este modelo de negócio publicitário existe precisamente porque o jogo é gratuito, caso contrário, é possível optar-se por versões pagas dos jogos que não apresentam publicidade.

Contudo, há possibilidade de minimizar os dados que podem ser recolhidos por estas empresas, como por exemplo a configuração dos aparelhos de modo a não partilhar a sua geolocalização, ou idealmente não ter o aparelho ligado à Internet enquanto se joga, pois assim não é possível receber publicidade e enquanto a aplicação está a decorrer não envia dados referentes aos hábitos de utilização da aplicação, como por exemplo a que horas o jogo está a ser realizado e durante quanto tempo o utilizador joga.

Posto isto, de modo a esclarecer os pais e até as próprias crianças, a formação talvez fosse pertinente sobre este tipo de questões de política de privacidade online. Concordando com Palfrey, Sacco e Boyd (2008), os investigadores estão a começar a concluir que os utilizadores regulares das redes sociais, independentemente das suas idades, necessitam de formação sobre a utilização das Internet e os seus potenciais riscos. Os pais querem orientação e confiança, pois sentem-se inseguros nesta era digital, e pretendem informação de modo a tomarem decisões ponderadas relativamente à utilização das tecnologias pelos seus filhos (BOYD; HARGITAI; SCHULTZ; PALFREY, 2011). A formação pode ser um meio importante para clarificar as dúvidas dos pais. Por outro lado, visto a influência da família ser relevante na utilização das tecnologias pelas crianças, é necessário providenciar formação a crianças, pais/encarregados de educação de modo a poder apoiá-los na educação a nível de segurança online, e ajudá-los na mediação eficaz da utilização da Internet pelos seus filhos.

Relativamente aos conteúdos providenciados na formação para os pais, estes poderiam passar por: prestar mais atenção aos termos e condições dos sites onde se publicam as fotos das crianças; pensar nas implicações futuras relativamente à publicação de certas fotos ou comentários online; estabelecer redes fechadas de modo a que só algumas pessoas eleitas possam ver as publicações; definir um *Google Alert* de modo a que se o nome da criança ou de algum familiar for referenciado online, o *Google Alert* envia automaticamente um alerta; dar orientações à criança de como utilizar a Internet com segurança, mostrando interesse e dando o exemplo de responsabilidade (AVG, 2014).

Para além da relevância da formação, poderá haver a necessidade de criar um manual de boas práticas para os pais e profissionais da educação de modo a fomentar estas questões junto destes, dando relevância ao tema que é minimizado pelos pais e pela sociedade em geral.

Como estudo futuro, e pegando um pouco nas pré conceções dos pais sobre o “conhecimento” dos seus filhos, seria agora interessante entrevistar os pais, questionando-os sobre o que estes consideram que os seus filhos sabem sobre o Facebook e comparar resposta de pai com filho, visto que os pais são da opinião que os filhos não sabem nem conhecem a rede social. No entanto, como vimos, a maioria das crianças já tem ideias muito precisas sobre o tipo de atividades que podem ser realizadas no Facebook e um número significativo de crianças deu provas que já faz uma utilização de algumas das ferramentas disponibilizadas nesta rede, destacando-se nomeadamente a comunicação e os jogos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a ambas as instituições que consideraram o tema interessante, permitindo a minha presença por vários dias nas mesmas; agradeço a ambas as Educadoras de Infância, por toda a colaboração e disponibilidade; aos pais das crianças, por terem considerado o tema pertinente e por isso consentirem as entrevistas aos filhos; por último, um agradecimento muito especial a todas as crianças que tão alegremente partilharam as suas opiniões e vivências comigo, autora do trabalho.

REFERÊNCIAS

AIDMAN, A. et al. **Television and Beyond: Childrens video media in community.** New Orleans: Communication Research, 1990.

ARROZ, A.; FIGUEIREDO, M.; SOUSA, D. Aprender é estar quietinho e fazer coisas a sério: perspectivas de crianças em idade pré-escolar sobre a aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Educação**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 1-18, 2009.

ATKINS, M.S.; XIAOMING, L. Early Childhood Computer Experience and Cognitive and Motor Development. **Pediatrics**, v. 11, n. 6, p. 1715-1722, 2004.

AVG. **AVG Digital Diaries**, 2014. Disponível em: <<http://www.avg.com/digitaldiaries/homepage#study-2014>>. Acesso em: 13/10/2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARR, R.F. et al. Age, Ethnicity, and Socioeconomic Patterns in Early Computer Use: A National Survey. **American Behavioral Scientist**, v. 48, n. 5, p. 590-607, 2005.

BLAZER, C. Social networking schools: benefits and risks; review of the research; policy considerations; and current practices. **Information capsule**, v. 1109, p. 1-23, 2012.

BOGDAN, R.; & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

BOYD, D. et al. Why parents help their children lie to Facebook about age: Unintended consequences of the Childrens Online Privacy Protection Act. **First Monday**, v. 16, n. 11, 2011.

BRITO, R. Concepções de crianças em idade pré-escolar sobre o Facebook. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 2013, Viséu. **Atas...** . Viséu: [s.n.], p. 191-195, 2013.

BRUNS, A. Towards produsage: Futures for user-led content production, In: CONFERENCE ON

CULTURAL ATTITUDES TOWARDS TECHNOLOGY AND COMMUNICATION. Cultural attitudes towards technology and communication, 4., 2006, Tartu, Estonia. **Anais...Estonia:** [s.n.], 2006.

CLEMENTS, D. H., SARAMA, J. Effects of a preschool mathematics curriculum: Summative research on the Building Blocks Project. **Journal of Research in Mathematics Education**, v. 38, n. 2, p. 136-163, 2007.

CRUZ, E; BRITO, R. Quando o computador trabalha pensa-se com a cabeça: representações de crianças em idade pré-escolar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TIC E EDUCAÇÃO, 2., Lisboa: **Atas...** Lisboa: tic EDUCA, 2013. p.1850-1865.

ELLIOTT, A., HALL, N. The Impact of Self-Regulatory Teaching Strategies on "At-Risk" Preschoolers' Mathematical Learning in a Computer-Mediated Environment. **Journal of Computing in Childhood Education**, v. 8, n. 2, p. 187-198, 1997.

EMARKETER. **Young children consuming more digital media.** Disponível em: <<http://www.emarketer.com/Article/Young-Children-Consuming-More-Digital-Media/1008435>>, Acesso em: 2011.

- FINDAHL, O. **Swedes and the Internet 2013**. Stockholm: The Internet Infrastructure Foundation, 2013. Disponível em: <<https://www.asis.org/asist2014/proceedings/submissions/papers/36paper.pdf>>
- GUTNICK, A. L.; BERNSTEIN, L.; LEVINE, M. H. **Always connected**: The new digital media habits of young children: Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop, 2011. Disponível em: <<http://www.joanganzcooneycenter.org/publication/always-connected-the-new-digital-media-habits-of-young-children/>>. Acesso em: 27 dez. 2014.
- HAMEL, E., & RIDEOUT, V. **The Media Family**: electronic media in the lives of infants, Toddlers, Preschoolers and their Parents. Kaiser Family Foundation. Menlo Park: CA, 2006.
- HOLLOWAY, D.; GREEN, L.; LIVINGSTONE, S. **Zero to eight. Young children and their internet use**. London: EU Kids Online, 2013.
- HOWARD, J. R. et al. Comprehension monitoring, stylistic differences, pre-math knowledge, and transfer: A comprehensive pre-math/spatial development computer-assisted instruction (CAI) and logo curriculum designed to test their effects. **Journal of Educational Computing Research**, v. 11, n. 2, p. 91-105, 1994.
- JACKSON, L. et al. What children do on the Internet: domains visited and their relationship to socio-demographic characteristics and academic performance. **Cyber Psychology and Behavior**, v. 10, n. 2, p. 182-190, 2007.
- JIE S.H. ICT use statistics of households and individuals in Korea, 2012. Disponível em <http://www.itu.int/ITU-D/ict/wtim12/documents/cont/029_E_doc.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.
- LENHART, A.; MADDEN, M. **Social Networking Websites and Teens: an overview**, 2007. Disponível em <http://www.pewinternet.org/ppf/r/198/report_display.asp>. Acesso em: 12 out. 2014.
- LI, X.; ATKINS, M. S. Early childhood computer Experience and cognitive and motor development. **Pediatrics**, n. 13, p. 1715-1722, 2004.
- LIVINGSTONE, D. Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. **New Media and Society**, v. 10, n. 3, p. 393-411, 2008.
- LIVINGSTONE, S. Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies. **Communication Review**, v.7, n.1, p. 3-14, 2004.
- MAWSON, W. B. Emergent technological literacy: what do children bring to school. **International Journal of Technology and Design Education**, n. 23, 443-453, 2013. DOI 10.1007/s10798-011-9188-y
- MUKHERJI, P.; ALBON, D. **Research Methods in Early childhood, an introductory guide**. London: Metropolitan University, 2010.
- MURDOCH, W.A. **Australia**: School of Information Technology. Perth: Murdoch University, p. 275-284, 2006.
- NORRIS, P. **Digital Divide**: Civic Engagement, Information Poverty, and the Internet Worldwide. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- PALFREY, J., SACCO, D. T., BOYD, D. **Enhancing child safety and online technologies**: final report of the Internet Safety Technical Task Force. The Berkman Center for Internet and Society. Boston: [s.n.], 2008.

PANGE, J. Teaching probabilities and statistics to preschool children. **Information Technology in Childhood Education**, [S.L.: s.n.], p. 163-172, 2003.

PARETTE, H. P. et al. Using Clicker 5 to enhance emergent literacy in young learners. **Early Childhood Education Journal**, 2009.

Disponível em: < <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10643-008-0288-6#page-2>>.

STATISTA, the Statistics Portal. **Number of monthly active Facebook users worldwide as of 2nd quarter 2014**. Disponível em: <<http://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>> . Acesso em: 14 out. 2014.

VANDONINCK, S.; HAENENS, L.; COCK, R; DONOSO, V. Social networking sites and contact risks among Flemish youth.. **Childhood**, v. 19, n. 1, p. 69-85, 2012.